

“Não foi nada disso que nós combinamos”: *Vaicomdeus, SARL*, de Júlio de Almeida,¹ uma escrita ficcional da história angolana

“Não foi nada disso que nós combinamos”: *Vaicomdeus, SARL*,
by Júlio de Almeida, *a Fictional Account of Angolan History*

Renata Flavia da Silva

Universidade Federal Fluminense (UFF) | Niterói | RJ | BR

renataflaviadasilva@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9338-8654>

RESUMO: *Vaicomdeus, SARL*, obra publicada pelo escritor angolano Júlio de Almeida em 2017, estabelece, através dos (des)encontros das personagens Eugênio e Cecília, uma enredada relação entre a História factual angolana e a criação literária. Dividido em três partes — “Vivos” (*lento ma non troppo*); “Mortos” (*allegro com spirito*); e “Renascidos” (*finale: alla breve*), o romance narra, ao longo de quatro dias nos quais a diegese se desenvolve, quase quarenta anos da história do país, das lutas de libertação aos conflitos civis que as sucederam. Diversos momentos da história nacional são discursivamente revisitados por meio de eventos, personagens, e de uma memória partilhada entre os protagonistas. Como mais uma modulação ou tonalidade da história angolana contemporânea, a obra de Júlio de Almeida convida-nos insistentemente a confrontar as memórias fictícias das personagens à trajetória política do autor, sua efetiva participação nas FAPLA e, posteriormente, nos governos de Agostinho Neto e José Eduardo dos Santos. Desta memória geracional convocada narrativamente pelas personagens, interessa-nos os posicionamentos convergentes e/ou divergentes, filiações e confrontos, acerca das mudanças políticas e sociais notadamente vivenciadas em Angola antes e após a conquista da independência. Para nossa leitura da obra em questão, apoiamo-nos nos estudos de Achille Mbembe e Zygmunt Bauman, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura angolana; ficção; História; Júlio de Almeida.

ABSTRACT: *Vaicomdeus, SARL*, a novel published by Angolan writer Júlio de Almeida in 2017, establishes — through the (mis)encounters between the characters Eugênio and Cecília — a complex relationship between Angolan history and literary creation.

¹ Este texto é uma adaptação revista da comunicação intitulada “Entre vivos, mortos e renascidos: uma leitura de *Vaicomdeus, SARL*, de Júlio de Almeida”, apresentada durante a XVIII Congresso Internacional da ABRALIC, realizado na cidade de Salvador, Brasil, no ano de 2022.

Divided into three parts — “Vivos” (*lento ma non troppo*); “Mortos” (*allegro con spirito*); and “Renascidos” (*finale: alla breve*) — the novel chronicles, over the course of four days during which the narrative unfolds, nearly forty years of the country’s history, from the liberation struggles to the civil conflicts that followed. Various moments in national history are discursively revisited through events, characters, and a shared memory among the protagonists. As yet another variation or nuance of contemporary Angolan history, Júlio de Almeida’s work persistently invites us to compare the characters’ fictional memories with the author’s political trajectory, his active participation in the FAPLA, and, later, in the governments of Agostinho Neto and José Eduardo dos Santos. From this generational memory narratively evoked by the characters, we are interested in the convergent and/or divergent positions, affiliations, and confrontations regarding the political and social changes notably experienced in Angola before and after the attainment of independence. For our reading of the work in question, we draw upon the studies of Achille Mbembe and Zygmunt Bauman, among others.

KEYWORDS: Angolan literature; fiction; History; Júlio de Almeida.

Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Nele se apresenta um anjo que parece estar na iminência de afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão estiradas. É assim que deve parecer o Anjo da História. Sua face está voltada para o passado. [...] Ele gostaria de se demorar, de despertar os mortos e reunir de novo o que foi esmagado. Mas uma tempestade sopra do paraíso, que se agarra às suas asas, e é tão forte que o Anjo já não as consegue mais fechar. Essa tempestade o leva inexoravelmente para o futuro, para o qual ele dá as costas, enquanto diante dele a pilha de escombros cresce rumo ao céu.

Walter Benjamin

Qualquer semelhança entre a realidade
E os factos e as pessoas
Que constam deste relato
Não é mera coincidência.
(pelo menos, como vulgarmente se considera as coincidências)
É pura intenção.

Júlio de Almeida

As duas epígrafes que abrem o presente trabalho remetem sua leitura a dois campos que, embora distintos, mantêm estreitas e produtivas relações: Literatura e História. Obras literárias geradoras de um intenso diálogo com a história factual, quer pelo gênero, tema ou utilização de figuras históricas, são frequentes na literatura angolana

contemporânea. A partir de investigações anteriores, consideramos as perspectivas ou representações recorrentes feitas por determinados autores como modulações, ou inflexões, dessa história factual. Alargando nosso horizonte investigativo, optamos, neste momento, por um recorte analítico que investiga a projeção literária das filiações políticas e partidárias de Angola, a partir das lutas de libertação, e enfatiza, portanto, relações de amizade ou inimizade presentes no texto literário.²

A distinção entre os chamados “amigos” e “inimigos” representados literariamente passa — nos aproximando dos estudos das sociedades contemporâneas feitos pelo camaronês Achille Mbembe, em sua obra *Política da inimizade* (2020) — pelo estabelecimento de círculos de separação, isto é, de uma diferenciação, não entre abstrações vazias e sem vida, mas em acepções concretas e existenciais; marcadas, sobretudo, pelos papéis políticos por estas desempenhados. Segundo o estudioso francês Michel Laban, por ocasião do I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, realizado na Universidade Federal Fluminense, em 1991, há, após a libertação, uma retração temática na literatura angolana ocasionada pela complexa relação entre poder político e literatura,

[c]ensura indirecta ou simples consciência das responsabilidades — e dos perigos — o certo é que, desde *Quem me dera ser onda* até *O ministro*³, os escritores sempre sentiram que havia limites que não se podiam ultrapassar. Mas também é significativo que, sob o impulso da contestação, esses limites tenham recuado cada vez mais. No fundo, a partir dos anos 80, o escritor compreendeu pouco a pouco que da sua independência em relação ao poder dependia sua fidelidade aos ideais dos tempos da luta nacionalista (Laban, 1995, p. 45).

(In)dependência e (in)fidelidade são palavras chave para refletirmos acerca da obra *Vacomdeus, SARL*, objeto da análise aqui pretendida. Publicado em 2017, é o primeiro romance do escritor Júlio de Almeida e remonta ao princípio das lutas de libertação em Angola, nos anos 60 de século XX. Nascido em 1940, no Namibe, Júlio de Almeida é também conhecido como Comandante *Jujú*, por sua participação nas fileiras do MPLA. Sua trajetória junto ao Movimento se assemelha a de tantos outros de sua geração, foi membro da Casa dos Estudantes do Império, deixando Portugal,

² Dando continuidade às investigações sobre tais diálogos interdisciplinares, o projeto de pesquisa individual intitulado “A [des]invenção do inimigo: jogos ficcionais de alteridade e representação na literatura angolana”, desenvolvido na Universidade Federal Fluminense, a partir de 2021, amplia as diretrizes traçadas no projeto “Universos ficcionais, modulações da história angolana em três vozes: Pepetela, José Eduardo Agualusa e Ondjaki”, executado anteriormente.

³ Laban se refere às obras *Quem me dera ser onda*, publicada em 1982, por Manuel Rui, e *O Ministro*, obra escrita em 1976 e publicada em 1989, por Uanhenga Xitu (Agostinho André Mendes de Carvalho).

em 1961, para estudar engenharia mecânica, na Alemanha. Atuou na Frente Leste entre 1971 e 1974. Em 1975, tornou-se Comissário político do partido, ocupando, em 1976, o comando do Departamento de Orientação Ideológica. Foi Vice-ministro dos Transportes, de 1976 a 1983, e deputado da Assembleia Nacional de Angola, de 1992 a 2003. Em 2021, o autor publicou seu segundo romance, *Incesto real*.

Mais que sua biografia, interessa-nos, aqui, a projeção literária que o autor faz sobre os períodos pré e pós independência de Angola, a adesão ou não ao projeto de governo executado pelo MPLA — quer sob o comando de Agostinho Neto, quer sob o comando de José Eduardo dos Santos⁴ — as ênfases dadas aos diversos atores envolvidos, os perfis de amigos e inimigos construídos, as justificativas, argumentos ou silenciamentos usados pelo autor para compor a narrativa.

Vaicomdeus, SARL possui cento e oitenta e sete páginas, divididas em três partes, “Vivos”, “Mortos” e “Renascidos”, assinaladas com diferentes tempos rítmicos, como na escrita musical: a primeira, relativa aos vivos: “*lento ma non troppo*”, ocupa as sessenta e quatro páginas iniciais; a segunda, relativa aos mortos “*alegro com spirito*”, preenche noventa e oito páginas; e a terceira, “*fnale: alla breve*”, perfaz apenas 8 páginas. Esta divisão é bastante explicativa do modo como o autor trata o período histórico abarcado pela narrativa. A diegese, que se desenvolve em torno de dois personagens principais, Eugênio e Cecília, se dá em apenas quatro dias. No brevíssimo período vivido pelo casal, no ano de 1999, são recuperados quase quatro décadas da história de Angola. A primeira parte, a dos vivos, se ocupa, sobretudo, dos anos da guerra de libertação, as décadas de 60 e 70; a segunda, a dos mortos, enfatiza as décadas seguintes, marcadas pela guerra civil, as décadas de 80 e 90 — tempos em que amigos e inimigos tornam-se representações mais complexas — e é a maior parte do romance; e a terceira, dos renascidos, se situa apenas no ano de 1999. Para o autor, em entrevista conjunta com seu filho, o também escritor Ondjaki, concedida a Catarina Homem Marques, esta divisão entre vivos e mortos se justifica da seguinte forma:

J [Júlio de Almeida]: [...] Tem uma parte que eu chamo a dos “vivos”, e os vivos eram daquele período da luta de libertação. Tínhamos objetivos bem claros, sabíamos o que queríamos. Foi tudo feito com gosto, com amor. Depois vem a parte dos mortos.

[Catarina Homem Marques] *Que não será dos mortos por acaso.*

J: A parte dos mortos apanha esta transição para o capitalismo, e aí há muita

⁴ António Agostinho Neto (1922-1979), presidente do Movimento Popular pela Libertação de Angola, desde sua fundação em 1956, e presidente de Angola, de 1975 a 1979. José Eduardo Van-Duném dos Santos (1942-2022), segundo presidente de Angola, de 1979 a 2017.

ironia. Deu-me bastante prazer fazer esse jogo, ridicularizando de certo modo um novo projeto social que já não é o projeto de toda a sociedade. Aí, sim, a personagem masculina é inadaptada, desiludida, alguém que vive das memórias. Para ele, alguma coisa falhou. E não há dúvida que sinto alguma identificação com ele. Mas a personagem interessante desta história é a menina.

O [Ondjaki]: Achas que ela representa o futuro?

J: Ela consegue fazer a transição.

O: Mas ela não tem o mesmo para trás que ele tem. Ela entra no comboio noutra paragem.

J: Mas esteve lá na guerrilha como pioneira, foi educada em Cuba. Tem alguns deslizes éticos, aceita determinadas coisas para chegar a certos objetivos. Mas enquanto o outro está quase morto, ela ainda tem sonhos (Almeida; Ondjaki, 2017, grifo do autor).

Nas palavras do autor, portanto, Eugênio é alguém que mantém estreita relação com o passado, já que não se adapta ao presente; enquanto Cecília, ajustada aos novos tempos, projeta realizações futuras. No romance, Eugênio é um ex-comandante das FAPLA, engenheiro responsável pelo Setor de Transportes — similaridades intencionais com o autor? — que em 1999, vive precariamente como professor de Matemática, dando aulas em casa, no bairro do Maculusso. Cecília, ou dona Sissy, é uma órfã de guerra educada pelo partido que, após trabalhar como engenheira durante a construção do Mausoléu de Agostinho Neto, se torna uma bem sucedida empresária do ramo funerário. Na divisão irônica da narrativa, ele estaria entre os vivos, ela, entre os mortos — apesar de que, na projeção romanesca, a morte esteja destinada a ele e a vida futura a ela.

O que une as duas personagens, além da morte da tia de Eugênio — evento motivador de seu encontro com Cecília, já que o professor busca os serviços funerários prestados por sua empresa — é uma memória partilhada da guerrilha. Embora estivessem sempre a um passo um do outro, nunca se encontram até 1999. Ataques, viagens, eventos históricos factuais são partilhados pelas memórias dos personagens sempre em perspectivas distintas. Ela do lado do povo, ele do lado da guerrilha. Várias situações são relatadas na narrativa, indicando uma certa proximidade temporal e espacial que nunca se efetiva.

Lembro-me como se fosse hoje, de que na noite de 28 de agosto de 1968, já depois de terminada uma importante assembleia, lá no Leste, um dos comandantes lançou uma granada para dentro da cubata onde se encontravam outros de seus companheiros. Eu tinha lá estado momentos antes. Quando voltei, ao ouvir o estrondo, encontrei o morto e os feridos. Encontrei não, encontrá-mos. Nós éramos doze e fazíamos parte da proteção da área, onde se realizava a assembleia, a primeira assembleia da Frente Leste, no Moxico.

Sissy abriu muito os seus já de si grandes olhos. Olhos bonitos, cintilantes, em

negro e branco [...]. Mas, neste momento, os seus olhos denotavam antes interrogação e satisfação, quando falou:

— Eu também estava ali perto. Com a minha mãe. [...] Nós estávamos no povo. Esperávamos o fim da assembleia para vermos e falarmos com o presidente, no dia seguinte. Tinha eu então sete anos. Soubemos desse acontecimento (Almeida, 2017, p. 31).

Ao longo da rememoração feita pelos dois personagens, momentos decisivos do MPLA e, conseqüentemente, de Angola, são arrolados, principalmente por Eugênio, como uma reflexão, ancorada no passado, acerca do presente estado da nação:

Tempos houve em que, para mim e para muitos outros, era indiscutível que a nossa intervenção era absolutamente imprescindível para que as coisas acontecessem. E mais: para que acontecessem não só no sentido e da forma que nós queríamos que acontecessem, mas da única maneira possível de ser considerada justa, porque de outro modo nem sequer valia a pena que sucedessem. Tamanha presunção! E não vale a pena negar, tentar juntar explicações, justificar que, se não fosse o facto de não termos considerado isto e aquilo, teríamos atingido plenamente os objetivos. Então não é sabido que os «os istos e os aquilo» são todos os inúmeros aqueloutros que são diferentes dos míseros istos e aqueles por nós considerados? (Almeida, 2017, p. 29)

Ou ainda,

As motivações daqueles que fizeram a guerra de libertação nacional, o que os moveu e levou a engajarem-se nessa luta, foram de certeza as mais diversas. Havia os que tinham ou podiam ter bilhete de identidade e, por conseguinte, não era por ele que lutavam, antes pelo contrário, rejeitavam-no; havia os que não tinha direito a ele, e que integrava o conjunto de objetivos a atingir, e a grande maioria nem sequer sabia o que era isso. Havia os que naturalmente partilhavam uma única mandioca e a dividiam pelo número de presentes e os que, pela calada da noite, cautelosamente, sorviam o leite condensado da lata que ciosamente reservaram só para si. Mas estes eram evidentemente minoria. E havia chefes respeitados e como tal aceites, mas também chefões, temidos que construíam a sua autoridade com base na prepotência e distanciação em relação aos subordinados. Nem todos estavam certamente tão interessados na libertação como nos proventos que tal libertação lhes pudesse, mais cedo ou mais tarde, vir a proporcionar (Almeida, 2017, p. 41).

A autocrítica feita por Eugênio, na maior parte das vezes, atribui ao outro, nem sempre o inimigo declarado da guerrilha, a responsabilidade maior pelos rumos tomados, quer seja o povo, mantido no atraso pelo poder colonial, mas esperto o bastante

para explorar os pontos fracos do movimento; quer seja o socialismo importado e não adaptado às terras africanas, quer sejam os dirigentes corruptos do movimento.

Momentos significativos vividos pelo MPLA, como a criação das FAPLA, em agosto de 1974; ou as diversas denominações atribuídas aos impasses enfrentados pelo partido, como as fases de “reajustamento”, encabeçada por Gentil Viana, em 1972; de “retificação”, após a tentativa falhada de golpe liderada por Nito Alves, em 1977; e de “redimensionamento”, no início dos anos 90, são citados na narrativa como profundos embates aos idealizadores da nação livre, estabelecendo, para Eugênio, cada vez mais círculos de separação.

Tínhamos discussões intermináveis sobre como sair daquela situação, o que veio a culminar com o movimento de reajustamento. Mas eu não assisti à fase das assembleias de militantes ativos e às inúmeras reuniões de debate aberto e livre e, que se lavou a roupa suja do Movimento. O movimento de reajustamento salvou-nos (Almeida, 2017, p. 55).

Inventou-se então um tal de movimento de retificação, uma espécie de tribunal dirigido pelo aparelho, e pelo crivo do qual tinham de passar todos os que pretendessem ser membros do partido. Houve muito boa gente que nem sequer aceitou passar pelo tal crivo, e ficou de fora. Outros foram considerados indignos, por terem atitudes pequeno-burguesas, serem religiosos, não terem origem operária nem camponesa. Era o império do *slogan* «Não é do partido quem quer, mas quem merece». E assim se transformou o Movimento, que era de todos — no início quase toda a gente ou era do MPLA ou estava com ele — num aparelho de desconfiança dos próprios cidadãos (Almeida, 2017, p. 73).

Na realidade, durante aquele ano sem rei nem roque, no decurso do qual as mais firmes convicções dos políticos do antigo regime se esconderam envergonhadamente, enquanto emergia em cena o partido guerreiro da oposição, disposto a impor a sua maneira de ser e existir à grande maioria das pessoas que considerava de seus inimigos, muitos daqueles antigos políticos e alguns sucedâneos seus decidiram destruir o passado e acaparar-se dos bens que fosse possível: terrenos, habitações, viaturas do Estado, civis e militares, receosos de que alguma insatisfação popular pelos anos de socialismo fizesse pender o voto para o lado daqueles que, durante muitos anos, haviam combatido o regime, sem escrúpulos, aliando-se ao diabo sempre que foi preciso (Almeida, 2017, p. 111-112).

No lugar da amistosa comunidade idealizada ou da democrática e igualitária nação — aproximando-nos mais uma vez de Mbembe — tem-se uma sombra atormentada, sobre os que

[n]ão querendo se lembrar de mais nada, muito menos de seus próprios crimes e transgressões, engendram objetos maus que acabam por efetivamente assombrá-los e dos quais passam a tentar violentamente se desfazer. Possuídos pelos gênios malignos que incessantemente inventaram e que, numa espetacular reviravolta, hoje os assolam, eles agora se colocam questões mais ou menos similares àquelas com que tiveram que se deparar, não muito tempo atrás (Mbembe, 2020, p.13),

antes da mudança dos ventos revolucionários, “quando os ventos da história deixaram de soprar do leste e as pessoas enfunaram as velas ao sabor da barbárie e do *fast-food*, do *take-away*, numa palavra, da *fast-life*” (Almeida, 2017, p. 49).

Embora partilhem um passado comum — definido por Cecília como “a história moderna de nossa terra”, iniciada em 1961 com as lutas de libertação — os personagens seguem caminhos diferentes, nos quais filiações e associações são motivadas e modificadas de acordo com seu engajamento político-partidário ou a falta dele. Eugênio é totalmente dedicado ao movimento e traça uma linha muito bem marcada entre os amigos e os inimigos: portugueses que apoiavam a luta de libertação são chamados de “politicamente amigos” (Almeida, 2017, p. 31), assim como as populações locais, o povo que acolhia e suportava as necessidades da guerrilha. Já a UNITA, os sul-africanos e todos os demais “capitalistas”, passados e futuros, são postos do lado inimigo. Cecília, por sua vez, não demonstra ter quaisquer definições, nem de amigos nem de inimigos, apenas parceiros ocasionais de negócios; e, embora revele um mal-estar perante o atual estado do país, não vislumbra em si mesma a face do outro a ser combatido:

— Quando te oiço falar desses tempos que também foram meus, tenho uma sensação de inquietude preocupante. É como se algum sentimento de culpa me invadissem e eu não soubesse exatamente o que é. Tantas vezes tive essa sensação ao longo destes últimos anos que tu chamas de *fast-life*. É a sensação que muitos desse tempo tão bem descrevem, quando costumam dizer «não foi nada disso que nós combinámos» (Almeida, 2017, p. 50).

Os amigos e os inimigos de Eugênio são qualificados por suas antigas ações. A recusa em reconhecer-se nesses novos tempos faz com que esteja fixamente atrelado aos ideais formulados no passado e aponta a necessidade que o personagem tem de manter a natureza do seu antagonista perpetuamente, pois “se a negação do inimigo fosse vivida, enquanto tal, caracterizaria uma profunda ferida narcísica” (Mbembe, 2020, p. 85), a qual não pretende enfrentar. Questionado por sua dificuldade em se adaptar à nação independente, reafirma sua identificação com o passado: “há muitas

coisas que não consigo aprender a fazer, pois para isso teria de renegar muitas outras que fiz e que ainda considero tê-las feito bem” (Almeida, 2017, p. 26). Para Eugênio,

As palavras de ordem eram ordem sob a forma de palavras: «a libertação do povo é obra do próprio povo!» Radiosa ilusão, que se ia avolumando, qual onda em crescente formação. E na qual se acreditava profundamente. Afinal, cada onda tem sua praia onde acaba por rebentar, com maior ou menor estrondo, mas rebenta e dá lugar a uma outra, que também ali vai acabar. Bom mesmo teria sido permanecer na crista da onda e fazer votos de que a praia não estivesse perto demais. O objetivo seguro talvez não devesse ter sido a libertação, mas antes a luta pela libertação. Esta é a dinâmica, perene, porque em constante mudança e necessidade de adaptação; aquela, a libertação, morre logo que se acha que já é. E entra em esclerose, em velocidade muito superior à da formação da onda. Mas foram bons aqueles tempos (Almeida, 2017, p. 40).

Sua nostalgia em relação ao passado de lutas assemelha-se aos processos sociais analisados por Zygmunt Bauman, em *Retrotopia* (2017), “visões instaladas num passado perdido/roubado/abandonado, mas que não morreu, em vez de se ligarem a um futuro “ainda todavia por nascer” e, por isso, inexistente” (Bauman, 2017, p. 10). O Anjo da História tem agora o rosto voltado para o futuro, o qual não deseja ver pois é assustador, enquanto se mantém preso ao passado, retrospectivamente perdido e idealizado.

Eugênio tem “um final inesperado, mas lógico e necessário” (Almeida, 2017, p. 11), nas palavras de outro ex-combatente, o escritor Pepetela, prefaciador da obra, uma vez que só o “futuro desse passado para [Eugênio] faz sentido” (Almeida, 2017, p. 30) e este se torna irrealizável diante das transformações sofridas pelo partido político que ajudou a criar e onde não mais se reconhece. Voltando às palavras de Mbembe, “[a] política é uma forma específica de reagrupamento para um combate que é ao mesmo tempo decisivo e profundamente obscuro” (Mbembe, 2020, p. 87), para Eugênio, um combate já perdido, representado literariamente com sua morte.

Para Cecília, não. Na última parte do livro, “Renascidos”, a personagem encontra-se em Cuba, grávida de Eugênio, com planos de abandonar a empresa de serviços funerários, criada a partir da apropriação de bens estatais, e passar a viver no campo, plantando flores.

Tinha uma obra a realizar que, essa sim, era uma obra de esperança. Aquele menino [...] era o futuro. [...] Com o simbolismo de vir ao mundo já no início do novo milênio, talvez que ele, ao crescer, pudesse vir a participar na construção de uma outra sociedade qualquer que não aquela em que seus progenitores tinham vivido. Quando ele fizesse vinte anos, a guerra já estaria com sessenta e certamente já morta ou prestes a tal. Nem mesmo a guerra, pese embora a resistência que manifestara todas as tentativas de se acabar com ela, poderia ser eterna.

Eugênio fizera a guerra para acabar com ela e mais não tinha conseguido que acabar destruído, sem perspectivas, nem projetos outros que não fosse o de se manter íntegro e fiel a um passado a que ele se agarrara, por falta de um futuro que lhe servisse de apoio (Almeida, 2017, p. 184-5).

A narrativa desculpa a jovem criada pelo partido de seus passos errados e lhe dá uma nova chance, um renascimento. Da jovem nascida na guerra, adaptada às suas “consequências desorganizativas e [ao] afrouxamento dos usos e costumes daí resultantes” (Almeida, 2017, p. 185), nascerá “o novo Eugênio um homem novo” (Almeida, 2017, p. 185), herdeiro do nome de seu pai e tão aos moldes das velhas utopias dos tempos da libertação.

Como apontado na entrevista dada pelo autor, apesar de contemporâneos das/ nas lutas de libertação, Eugênio e Cecília desempenham papéis diferentes ao longo da história. A princípio, ele, guerrilheiro responsável por tomar decisões e manter-se fiel aos ideais revolucionários; ela, “pioneira” a ser guiada pelas diretrizes do partido. Após a conquista da independência e durante os conflitos civis, ela se ajusta aos “esquemas” reinantes e entra no cenário dos empreendimentos e favorecimentos:

A princípio tudo aquilo me parecia um esquema: não estava claro se aquilo me pertencia ou se estava somente ocupado por mim; mas como todos tinham feito o mesmo, eu também decidira avançar. Parece que eu tinha encontrado, de facto, uma ocupação que estava a favor dos ventos da História [...] (Almeida, 2017, p. 78-79)

ao passo que ele sai da cena política, enfurecido, humilhado, fiel a um passado, à altura, esquecido ou renegado:

Envergonhados do passado, desfilavam pelas janelas, em brindes champanhosos com os antigos bandidos, alguns novos bandidos. Como, de um dia para o outro, se transformaram em pacíficos comedores de hóstias aqueles que, durante anos, repetiam e faziam repetir as palavras de ordem dos manuais marxistas que nunca chegaram a ler! Fartaram-se de fingir ou foi só degradação biológica? Faltaram-lhes as forças para continuar a caminhada, corrigindo o tiro, quando necessário, ou foi somente metamorfose já latente, terminada a fase do casulo? Sentiram-se obrigados a fingir?

Deslizou, rodando mais uns centímetros e encontrou-se alguns anos atrás. Aquela cena tinha o enfurecido, numa primeira instância, mas feito sentir-se humilhado, finalmente (Almeida, 2017, p. 91).

Eugênio mantém uma relação singular com o tempo, aderindo incondicionalmente ao passado, distanciando-se o suficiente do presente para que possa

enxergar suas obscuridades. Segundo o filósofo italiano Giorgio Agamben, na obra *O que é o contemporâneo? e outros ensaios* (2010),

perceber esse escuro não é uma forma de inércia ou passividade, mas implica uma atividade e uma habilidade particular que, no nosso caso, equivalem a neutralizar as luzes que provém da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes.

Pode-se dizer contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade (Agamben, 2010, p. 63-64).

É o anacronismo de Eugénio o que permite ao personagem estar entre os vivos e os mortos, ter uma intimidade fraterna e, ocasionalmente, fratricida, com diferentes atores envolvidos na história de seu país. Entretanto, sua morte é um fato, sua participação se encerra na segunda parte do romance, aquela destinada aos mortos. Não haveria lugar entre os vivos para sua lucidez e fidelidade ao passado? Renascer não é uma possibilidade para o personagem, assim como é dada à Cecília?

Tais indagações nos fazem voltar ao contexto enunciado por Laban, no começo desta análise, “da independência do autor angolano em relação ao poder instituído dependia sua fidelidade aos ideais dos tempos da luta nacionalista”. A modulação da história factual angolana orquestrada por Júlio de Almeida apresenta uma melodia suavizada, ritmada por compassos de decepção e silêncios, porém fiel a um projeto de nação executado com muitas variações. *Vaicomdeus*, SARL participa de um regime memorialístico intimamente ligado à história do MPLA. Segundo o pesquisador Vasco Martins, “o MPLA recorreu às experiências políticas e memórias históricas da luta de libertação para edificar e partidarizar a história oficial de Angola, constituindo um guião que é composto por várias regras que definem os formatos de memória e comemoração” (Martins, 2025, p. 58), dentre os quais a fidelidade ao projeto inicial do partido e a culpabilização de inimigos e dissidentes, assim como a inadequação dos heróis da libertação ao tempo presente, fazem parte, como bem explicitado pela trajetória de Eugénio. Como já dissemos, em forma de epígrafe,

[q]ualquer semelhança entre a realidade
e os factos e as pessoas
que constam deste relato
não é mera coincidência [...]
é pura intenção (Almeida, 2017, p. 15).

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos: 2010.

ALMEIDA, Júlio de. *Vaicomdeus*, SARL. Lisboa: Caminho, 2017.

ALMEIDA, Júlio de; ONDJAKI. Júlio de Almeida e Ondjaki: entre pai e filho, não foi esta a Angola combinada. [Entrevista concedida à Catarina Homem Marques]. *O Observador*, Lisboa, 28 mar. 2017. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/julio-de-almeida-e-ondjaki-entre-pai-e-filho-nao-foi-esta-a-angola-combinada/>. Acesso em: 7 set. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História*. Organização e tradução: Adalberto Müller; Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020.

LABAN, Michel. A relação entre escritor e poder em Angola depois da Independência. In: ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 1991, Niterói. *Anais [...]*. Organização de Laura Cavalcante Padilha. Niterói: Imprensa Universitária da UFF, 1995. p. 27-49.

MARTINS, Vasco. Políticas de memória e silêncio: a luta de libertação de Angola em tempos pós-coloniais. In: CARDINA, Miguel (org.). *A guerra colonial e as lutas de libertação: memória, política e usos do passado*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2025. p. 53-76.

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 Edições, 2020.